

A AÇORIANIDADE DE VITORINO NEMÉSIO E O RETORNO A *PHYSIS*

Simone NACAGUMA¹

RESUMO: A partir do romance *A Varanda de Pilatos* (1926), objetivamos analisar a *açorianidade* de Vitorino Nemésio, marcada, por um lado, pelas deficitárias condições sociais insulares que compelem o açoriano a emigrar; por outro, pela angústia da partida, imprescindível ao ser masculino, mas inibitória ao feminino. Isso se justificaria pela analogia do feminino insular à deusa grega Héstia, conduzindo-nos à teogonia e à cosmogonia. É, sobretudo, pela natureza que esta via de interpretação mítica se constrói, pois ela constitui elemento simbólico medular da açorianidade nemesiana, redimensionando-a ao pensarmos essa relação a partir do conceito grego de *physis*.

Palavras-chave: Açorianidade; Cosmogonia; Teogonia; Natureza.

ABSTRACT: The main of this article is to analyze the novel *A Varanda de Pilatos* (1926) by Vitorino Nemésio, making clear elements which characterize it as Azorean. It is expressed, at a first plan, by the social conditions; in a second plan, by the interpersonal relationships restricted in the anxiety of the leaving necessity. Such needs reveals itself, however, a need to the male universe and inhibitory to the feminine one. That is justified by the analogy to the “insular feminine” and to the Vesta/Hestia genealogy, what compell us to cosmogony and to teogony. It’s especially throught the nature that a mythical interpretation is organized and makes possible a relation with *physis*, greek idea.

Keywords: Azorean; Cosmogony; Teogony; Nature.

1. A Açorianidade

Em 1932, por ocasião da comemoração do quinto centenário de descobrimento dos Açores, Vitorino Nemésio (1901-1978), poeta e ficcionista açoriano, cunhou o neologismo *açorianidade*² a fim de expressar a singularidade da existência do homem açoriano profundamente marcado por sua condição de *ilhéu*. A criação do termo revelaria, em linhas gerais, o esforço desse estudioso em, por meio desse neologismo, sugerir uma gama de significações, sensações e impressões a fim de expressar a singularidade da vida insular, ou seja, para Nemésio a existência do açoriano está intrinsecamente resignada às condições geográficas e sociais insulares. Esse condicionamento freqüentemente aparece na criação literária nemesiana como “cárcere e exclusão”, segundo Maria Helena Garcez (2002, p. 17) que, então, tenta defini-lo como

a angústia de sentir-se preso na imensidão oceânica, impotente face à condição de isolamento, a angústia de estar sempre a partir, de ser o agente ou o paciente de

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária no IEL-Unicamp.

² SILVA, Heraldo Gregório da. *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio – Realidade, Poesia e Mito*. Coedição INCM e Secretaria Regional de Educação e Cultura – Região Autónoma dos Açores, s/d, p. 14.

despedidas, de conviver com a ausência (...). Faz parte da açorianidade o ter de partir ou por razões de extrema pobreza, emigrando, ou pelo desejo de estudar e/ou progredir, ampliar perspectivas profissionais.

Constata-se, portanto, que esse condicionamento geográfico é sensivelmente agravado pela precariedade das condições econômicas e sociais nas ilhas, resultando na emigração. É esse quadro que traduz a açorianidade de Vitorino Nemésio.

2. Cosmogonia e teogonia na açorianidade de Nemésio

A **Varanda de Pilatos** é o primeiro romance de Vitorino Nemésio, publicado em 1926. Esse romance em primeira pessoa não obteve uma recepção positiva na época de sua publicação em razão da focalização escolhida que, somada a elementos de ordem biográfica “pescados” pela crítica, sugeria uma autobiografia.

Segundo palavras do próprio Nemésio, citadas por Garcia (1992, p. 12), esse livro aborda “o tema romântico de Venâncio Mendes, ilhéu dos quatro costados com quem privei desde menino e moço e que me sai das mãos maltratado”. Para Garcia (1992, p. 12), supõe-se que aqui o termo “romântico” não se refira à periodização literária, mas “a uma *crise de crescimento*”. Ou, na verdade, representaria um momento de formação/afirmação de uma identidade masculina que, inevitavelmente, contém em seu bojo uma crise. Daí “o fato de a personagem lhe ter saído das mãos *maltratado*”, como declarou Nemésio.

Mendes, o narrador autodiegético deste romance, é-nos apresentado, segundo Garcia (1992, p. 12), “como um “eu” distinto do “eu” de Nemésio”. Havendo, a nosso ver, apenas o fato coincidente de ambos experienciarem o lugar do masculino nesse ambiente insular, a partir do qual o feminino é-lhe situado, dimensionado e redimensionado através do conflito intrínseco a tal distinção em que, inevitavelmente, sobressaem-se o desejo e a frustração amorosa.

O primeiro momento dessa “crise de crescimento” pelo qual passa o protagonista pode ser comprovado já nas primeiras páginas: Venâncio é acordado por sua mãe, ainda de madrugada, para que se vista a fim de esperar o Trigueiro, o dono do carro que os levaria à cidade.

Venâncio está de mudança para cidade, onde deve dar continuidade aos estudos para que, como lhe dissera o pai, “chegares a médico, para [te] fazeres um homem às direitas” (Nemésio, 1992, p. 32). Mas ele chora feito menino pequeno e é acudido pelo pai que argumenta: “— És tolo! Olha que não vais para a América! Podes saber de nós todos os dias... [...] Olha que Vilório é uma terra pequena, não dá futuro a ninguém... Vês o Tobias,

que fez o segundo exame contigo, no que está?! Numa venda, a pesar barras de sabão azul! Gostavas?” (Nemésio, 1992, p. 32). Assim, ele acaba resignado diante de sua mudança e, sob um céu cinzento, carregado de pesadas nuvens que anunciam uma chuva grossa, segue junto dos pais a bordo do carro do Trigueiro, puxado por uma mula, rumo à cidade.

Venâncio Mendes é, portanto, o narrador autodiegético, segundo Genette *apud* Reis (1988, p. 118), que narra suas experiências como protagonista dessa história, o que o coloca, “num tempo *ulterior* em relação ao tempo da história que relata, entendida como conjunto de eventos concluídos e inteiramente conhecidos”, abrindo-se, deste modo, uma “distância” temporal entre esses dois momentos, o da narrativa e o do fato narrado.

Além disso, porém, verifica-se uma mudança na focalização da narrativa instaurada por uma *digressão* que se concretiza no surgimento de um outro “eu” que, em 3ª pessoa, comenta aspectos do vilarejo (Vilório) a fim de ironizar o seu caráter simplório, os seus valores idiossincráticos:

Vilório, *pobre bercinho de Venâncio Mendes*, fica-te longe e em paz! Não és mais que Vilório, um pobre povo primitivo e triste, embora honesto e são. Criaram-te simples: terra, uma igreja para os ingênuos santos que já não fazem milagres. De noite, o mar a roer-te; de dia, o sol a dar-te. Toda semana te chega lenha da Agualva para acenderes os fornos. *É que só prestas afinal*, meu pobre sítio, *para dar pão aos homens que te hão-de trocar fatalmente*, os míseros e réprobos, pelo fulgor da Babilônia que esta cidade adivinha, *aonde medran pecados*, as grandes lojas de modas, e *onde as tuas purinhas Rafelas*, de trança loira em sonhos cor-de-rosa, *se convertem nas vaníssimas sombras da universal tristeza*. (Nemésio, 1926, p. 40, grifos nossos)

Esse trecho representaria claramente, segundo Reis, uma *digressão* na medida em que interrompe a dinâmica da narrativa para que o narrador possa tecer comentários e reflexões acerca da exclusão dos pequenos vilarejos em oposição às condições da cidade grande, onde “medran pecados” e os valores cultivados nos vilarejos são descartados e os sujeitos, principalmente as mulheres, perdem sua identidade, transformando-se em “sombras da universal tristeza”.

Nesse sentido, o “véu” em referência à Vesta e às vestais constituiria um símbolo de “proteção” à moral das mulheres dos vilarejos. Entretanto, também não se pode dizer que o trecho se preste a enaltecer a vida simples nas aldeias, na verdade, o que se depreende é a contingência das precárias condições econômicas e sociais das vilas que só prestam para “dar pão aos homens” que, compelidos por essa contingência, “hão-de trocá-(las) fatalmente”.

Assim, a focalização que antes era interna, nesse momento, passa a ser externa, cuja mudança poderia ser entendida ainda como uma “manobra” de alteração do *registro do*

*discurso*³ para que se neutralizem as marcas pessoais daquele narrador autodiegético e, dessa forma, a ele não seja atribuída a responsabilidade por tais críticas, o que não teria desdobramento algum se a vila referida neste trecho não evocasse, segundo a crítica da época, imediatamente a cidade natal de Nemésio. Por outro lado, essas duas vozes, em primeira e em terceira pessoa, poderiam ainda expressar uma estratégia de organização segundo duas ordens: a do indivíduo e a do coletivo, cuja função seria similar a do “coro” na tragédia clássica, comentando elementos numa perspectiva coletiva.

A oposição feminino *versus* masculino já se expressa pelos diferentes posicionamentos do pai e da mãe do protagonista. Enquanto a mãe, de certo modo, contesta a necessidade premente da mudança do filho e afirma que preferiria tê-lo “debaixo de suas telhas” (Nemésio, 1926, p. 32); o pai, que já o acudira num momento de choro convulsivo em razão da partida necessária, encoraja-o novamente a partir:

— Bem sei que o pai do Tobias é pobre, não pode mandá-lo estudar... Também não sou rico! Temos o pouco que herdei e alguns vinténs ganhos com muito suor, desde os doze anos, ao balcão do Ferreira. **Mas, ainda que eu saiba de ficar sem camisa, há-de estudar. Há lá nada melhor!**

— **Ora! Também aqui vivia, debaixo das nossas telhas...** — observou minha mãe, cujo instinto materno continha mais ternura do que previdência e coragem.

Meu pai repreendeu:

— Não digas tolices, mulher! (Nemésio, 1926, p. 32, grifos nossos)

Essa divergência entre o pai e a mãe de Venâncio ganha, no romance, uma dimensão coletiva por meio da construção de uma simbologia que se presta tanto a caracterizar o universo masculino e o universo feminino, quanto a representar a diferença entre eles.

O feminino, neste romance, apresenta-se comumente associado a três elementos que, para efeito de organização, podem ser mencionados segundo uma ordem de grandeza decrescente: ilha, aldeia, casa, feminino. Isso pode ser verificado quando, a fim de comentar elementos que o fazem lembrar a sua infância e, em seguida, pensar as mulheres e o seu próprio desejo, o narrador autodiegético, por meio de uma analepse, muda para uma focalização extradiegética, por meio da qual os elementos “ilha/terra”, “mar/ondas”, “aldeias/casas”, “feminino” vão, nesta ordem, seguindo-se um ao outro nas suas associações mnemônicas.

³ Aqui o sentido de “registro do discurso” é o utilizado em narratologia. Reis e Lopes (1996, p. 348) esclarecem que, “neste domínio, *registro* designa um tipo de discurso marcado pela presença de certas propriedades lingüísticas”. Para se pode estabelecer uma “tipologia de registros do discurso”, o critério imediatamente evocado relaciona-se à “presença/ausência de marcas da instância de enunciação no discurso”, por meio das quais é possível, então, fazer a distinção entre um discurso subjetivo e um discurso objetivo.

Desse modo, o narrador parte de uma dimensão macroespacial, que se traduz num espaço *natural*, e segue em direção a um espaço *familiar*, representado pelas *casas*, que, por sua vez, sempre constituem para o narrador nemesiano um lugar essencialmente de referência à mulher, ou da mulher. Vejamos:

A ilha de Cristo, onde fui nado e criado, é uma flor de terra. Muitas vezes, discorrendo com asa panda sobre ela, a minha imaginação gozou dum alto gozo. Era a surpresa de um medalhão de lava ao peito do mar muito verde, com a sua fina obreia de penedos, as rendas brancas da vaga volumosa, e, sobre tudo, velhos milhafres formando rodas negras. Então, não satisfeita de varar o espaço, a minha mente violava com ânsia os penetrais do tempo. Era aquele, nesta divagação, como que um corpo austero. Representava-me em forma comprimida os vários transe da ilha, a cadeia que as gerações formavam, através de cinco desvairadas centúrias, desde a origem nublosa à era clara presente. Mas o espaço era assim como uma fita enrolada. Meus desejos, a vontade de saber do desdobre que se alcunha de tempo, seguiam pois os anos atrasados com curiosa fúria. Sempre suspensa, a minha mente considerava então as pobres aldeias da borda, povoaçõezinhas de casebres simples, através das idades.

Casas pobres, vivendas senhoriais junto a calhetas fundas eram viveiros de almas. Ah! Ali se engendravam, de 1450 a esta parte, quinze séries de meninas belas, filhas umas das outras. Que importava que os modos, os costumes, os gordos materiais da ética e do hábito as fizessem diferentes, vestindo umas com sedália frouxa, outras com sedas ricas? A todas, sem uma exceção que fosse, a vida dava um véu na puberdade, calçava de sapatos muito leves e finos, e, por amor de Vesta, tirava às laranjeiras, para lhes dar, as flores. A ilha de Cristo, nesses passeios siderais que eu dava, era só gineceu. Se era à noite, do meu trapézio amarrado às estrelas eu via em baixo os tal ramos, e sob os tectos de álamo e roseira adivinhava as esposas, com pensamento muito fino e puro, que dormiam ditosas e grávidas. (Nemésio, 1992, p. 51, grifos nossos)

Temos, pois, neste trecho, um narrador autodiegético que, alçado num vôo panorâmico sobre sua ilha, sobre sua terra, sobre sua vila, relata cenas e impressões que resultam de um impulso mnemônico submetido a pinceladas de um imaginário arquetípico. A *ilha de Cristo*, símbolo de seu berço, poderia, portanto, ser tomada como uma representação *maternal-ancestral*, cujo aspecto feminino se confirma ainda no predicativo “uma flor de terra”. Esta, vista do alto, ressalta-se a sua forma *esférica* (“Era a surpresa de um *medalhão* de lava ao peito do mar”) e a “mente” desse narrador, “em transe”, continua a penetrar o “corpo austero” do tempo, remontando às origens de sua terra, de sua ilha, “desde a origem nublosa à era clara presente”.

E, dando seqüência a esse “desenrolar” do tempo⁴ e do espaço⁵, partindo da ilha, a mente do narrador chega às aldeias e aos casebres (“viveiros de almas”) que, desde o início do povoamento da ilha (1450), abrigou “quinze séries de meninas belas, filhas umas das outras” que tinham todas, à semelhança de *Vesta*, um “véu” a abrigar-lhes sua pureza. Assim, a

⁴ “a vontade de saber do desdobre que se alcunha de tempo”(Nemésio, 1926, p.51)

⁵ “o espaço era assim como uma fita enrolada”(Nemésio, 1926, p.51)

teogonia é sugerida por meio dessa seqüência digressiva elaborada pelo narrador, que parte da imagética da ilha (por meio da qual também sugere uma cosmogonia) e culmina na imagem das virgens associadas à Vesta.

Sabe-se, pois, que Vesta (Héstia, em grego), irmã de Zeus e protegida por ele, desejou manter-se casta. Na teogonia, ela é filha de Réia⁶ (terra) que, é filha de Géia⁷ (Terra) que, por sua vez, é filha de Nix, a noite.

Vesta é representada pela lareira que aquece o lar, “é a *lareira* em sentido estritamente religioso [...], é a personificação da lareira colocada no centro do altar; [...] é a *lareira* localizada no meio da habitação, a *lareira* da cidade, a *lareira* da Grécia, a *lareira* como fogo central da terra; enfim, a *lareira* do universo” (Brandão, 2002, p. 275-276).

Porém enquanto os outros deuses se caracterizavam pelo constante ir e vir, *Vesta se manteve imóvel, sedentária*. “Ávida de pureza, ela assegura a vida nutriente, sem ser ela própria fecundante” (Brandão, 2002, p. 276), pois a prosperidade e a vitória são asseguradas por essa “pureza absoluta”, o que poderia simbolizar, segundo Brandão (2002), um eterno sacrifício, por meio do qual uma *eterna pureza* servisse de compensação às *perpétuas faltas* dos homens, os quais se beneficiariam desta proteção.

Embebida nesse repositório mítico, portanto, essa voz narrativa lança-se a uma grande jornada, partindo de uma *cosmogonia* que remete, por meio de suas associações mnemônicas, a uma *teogonia* em que, por sua vez, vislumbra-se o drama feminino insular da eterna permanência, um feminino expectador de eternas partidas, porque responsável pela manutenção da *lareira* a granjejar àqueles que partem a proteção e o êxito, ou no caso do seu malogro, a certeza de um retorno.

Daí, o feminino, nesse trecho, ser associado a uma idéia de “pureza cultivada”, de pureza a ser mantida e *guardada*, o que evoca a imagem das Vestais que devem cuidar para que “a chama” do lar, da cidade, da ilha, da terra se mantenha acesa, guardando o fogo. E, novamente, o feminino é então associado à esfericidade da ilha, da própria Terra, e, portanto,

⁶ Segundo Junito de Souza Brandão (2000, p. 201), RHÉA talvez seja um epíteto da terra: “ampla, larga, cheia”. Ela “simboliza a energia escondida no seio da Terra”. “É a fonte primordial ctônia de toda a fecundidade”.

⁷ Segundo Junito de Souza Brandão (2000, p. 191-193), GÉIA é a “Grande Mãe” e de seu casamento (hierogamia) com ÚRANO (“Céu”, “o que chove”) surge a primeira geração divina: os Titãs (Oceano, Ceos, Crio, Hiperión, Jápeto, Crono), as Titânidas (Téia, Réia, Têmis, Mnemósina, Febe, Tétis), os Ciclopes (Arges, Estérope, Brontes) e os Hecatonquiros (Coto, Briaréu, Gias). Entretanto, assim que os filhos nasciam, Urano os devolvia ao seio materno, pois temia ser destronado por um deles. Geia, pesada e cansada, resolve libertá-los e pede aos filhos que a vinguem e a libertem do esposo. Todos os filhos recusam o pedido da mãe, exceto CRONO, caçula. Geia, então, entrega-lhe uma foice e quando Urano se deita sobre Geia, Crono corta-lhe os testículos que foram lançados ao mar, onde juntando-se à espuma que escorria do membro ferido formou-se uma “espumarada” da qual nasceu AFRODITE. Desse modo, Crono vinga a mãe e liberta os irmãos. Urano, agora impotente, fatalmente é afastado do poder que é assumido por Crono.

à imobilidade. Entretanto, no fim do trecho em questão, o narrador vislumbra uma última cena em que as “suas” mulheres, as “suas virgens”, agora dormem “ditosas e grávidas”, na *ilha de Cristo*, o que nos leva, por fim, a pensar esse universo teogônico permeado por uma simbologia cristã: a da “virgem grávida”, a da Virgem Maria.

No trecho seguinte, percebemos com maior clareza a relação desse narrador com o relato que produz. Isso porque a associação da imagem da ilha ao feminino não só se mantém como se aprofunda por meio da sugestão de uma cosmogonia. O narrador permanece em uma perspectiva panorâmica a olhar do alto, do espaço, as suas “ilhoas fecundas” (agora em referência, provavelmente, ao arquipélago) e a “sua” ilha parece-lhe um “búzio enorme, todo cheio de música”:

Em regra, pensava nisto a desoras profundas. *A ilha, em baixo, parecia um búzio de tamanho enorme, todo cheio de música; e, se a Via Láctea, suave faixa de um firmamento azul de corte feminino, me parecia prenha de estrelinhas ainda não definidas, que mal havia em eu cuidar nos ventres das ilhoas fecundas? Via-os, portanto, em sonho. Minha alma, ouvindo assim a perene promessa de novas vidas maternas, vogava, deixava-se ir no sereno deleite de sentir e sentir-se; porque ela, em si, era um germinal também.*

Enquanto, pois, à distância a que eu estava da *minha ilha* de Cristo, as *boas mulheres islenhas dormiam docemente com filhinhas no seio*, em meu peito também um jardim novo abria. Eram amores, desejos, vagas esperanças de não sei que bem que ao mesmo tempo era nado. Sentia que *em meu peito*, onde se iam perder tantos murmúrios doces, *mil gérmens* tomavam formas rudimentares de mil paixões perfeitas; e, deste modo, *eu poderia amar mil virgens de uma vez*. (Nemésio, 1992, p. 51-52, grifos nossos)

Neste trecho temos, pois, a sugestão de uma cosmogonia quando, na escuridão do espaço sideral (na Via Láctea), o narrador, ao mesmo tempo em que presencia a “gestação” de “estrelinhas ainda não definidas”, pergunta-se “que mal havia em eu cuidar nos ventres das ilhoas fecundas?” Isso, por analogia, poderia se remeter à cosmogonia, mas não simples referência à primeira, *in illo tempore*; na verdade, por meio desta, sugere-se uma *eterna retomada* dessa “fecundação”. O trecho “Minha alma, ouvindo assim a perene promessa de novas vidas maternas” evoca a hierogamia de Géia e Urano e a “fecundação de Géia” (cf. nota 9) a fim de que se perpetue nas ilhas a manutenção da “Vida”, simbolizada na sugestão dessa “fecundação mítica”.

Esse narrador “situado” no espaço sideral, no céu, “cuida”, olha “nos ventres das ilhoas fecundas” e sua alma, em deleite, “vogava”, cujo sentido “navegar, remar”, remete ao mar que circunda e envolve a ilha, estabelecendo, desse modo, a ligação entre Céu e Oceano. O narrador, portanto, situa-se, de acordo com a teogonia, num espaço masculino por

excelência, seja no “céu” (Urano⁸), seja no “mar” (Oceano⁹), ao mesmo tempo em que transita entre esses dois lugares e cuja idéia de movimento está já na sua simbologia: “Oceano é representado como um rio, o Rio-Oceano, que corre em torno da esfera achatada da terra, como diz Ésquilo em *Prometeu Acorrentado*, 138sq: Oceano, *cujo curso, sem jamais dormir, gira ao redor da Terra imensa*”. (Brandão, 2002, p. 197)

Esse aspecto bidimensional desse narrador também se configura na ambigüidade que suscitam os vocábulos “germinal” e “gérmenes”, que significam “embrião, núcleo de origem do ser”, os quais resultam, portanto, de uma fecundação. Desse modo, quando ele anuncia que sua “alma, ouvindo assim a perene promessa de novas vidas maternas, vogava, deixava-se ir no sereno deleite de sentir e sentir-se; porque ela, em si, era um germinal também”, ele se coloca ao mesmo tempo como “embrião” e, por conseguinte, “filho” das ilhas, e como o sujeito dessa “fecundação” em razão do “lugar” que ocupa e que evoca toda a simbologia da teogonia anteriormente explicitada. Em outras palavras, poderíamos dizer que o narrador se coloca como “filho” das ilhas, como ilhéu que é, mas também, como “narrador” a evocar o mito, torna-se “fecundador” do imaginário islenho, o que, por meio dessa eterna reelaboração, assegura a manutenção da Vida islenha, daí a necessidade deste narrador alcançar-se a tal amplitude e altura de onde avista, num primeiro momento, as mulheres islenhas “ditosas e grávidas” e, num momento seguinte, a dormirem “docemente com filhinas ao seio”.

Quanto ainda aos lugares do feminino e do masculino na perspectiva da migração forçada, ressaltamos a mobilidade do masculino, geralmente o agente de partidas a buscar, além da “contingência ilhoa”, o seu crescimento formal e humano que a própria experiência da mudança já lhe proporciona; em contraposição à imobilidade do feminino que, como analisado, justifica-se mítica e socialmente e, inevitavelmente, imbuí-se de aspectos morais, quando considerado o seu lugar social. Entretanto, quando pensamos que, seja por razões míticas, seja por questões morais ou sociais, ao feminino só cabe a permanência e, portanto, a espera por um prazer que não dever ser buscado, o prazer do conhecimento, projeta-se para um futuro quase imediato um profundo conflito que, ainda no presente romance, não está colocado, mas que de alguma forma é sugerido. Isso pode ser notado quando o pai de

⁸ Segundo Junito de Souza Brandão (2000, p. 191), ÚRANO é a personificação do Céu que era concebido como abóbada celeste que envolvia a Terra (esférica). “Do ponto de vista simbólico, o deus do Céu traduz uma proliferação criadora desmedida e indiferenciada, cuja abundância acaba por destruir o que foi gerado. Urano caracteriza assim a fase inicial de qualquer ação, com alternância de exaltação e depressão, de impulso e queda, de vida e de morte dos projetos”.

⁹ Segundo Junito de Souza Brandão (2000, p. 197), a etimologia de OCEANO ainda não foi bem definida, mas, a princípio, era concebido “como um rio-serpente, que cercava e envolvia a terra. [...] No mito grego

Venâncio o impele a mudar-se, a estudar, a sair de sua contingência e a mãe diz, porém, que não vê necessidade alguma de que ele se mude.

Nesse sentido, poderíamos pensar que à mulher desse imaginário açoriano nemesiano, o conhecimento não urge ser acessível, nela é marcada inclusive a ignorância da reflexão inerente ao seu lugar diante do saber e, principalmente, do prazer que o saber pode lhe proporcionar. O gozo proporcionado pela “conquista” do conhecimento se reserva com exclusividade ao universo masculino, cuja mobilidade única consagra-lhe a posição de agente e receptor desse prazer. Para a mulher, esse conflito da busca inexiste, porque a ela não nunca coube essa escolha. Nesse trecho, portanto, resta à mãe de Venâncio chorar a partida do filho em busca do (prazer) saber, ao mesmo tempo em que chora a sua própria permanência. É nesse sentido, pois, que vai se construir a crítica nemesiana, na verdade, uma crítica bastante aguda não apenas às condições sociais precárias que não oferecem grandes chances de crescimento e de formação intelectual aos seus filhos, sobretudo para as mulheres açorianas, mas também às próprias açorianas que, segundo ele, devem estabelecer novos *movimentos*. Esse drama, contudo, não se coloca ainda neste primeiro romance, mas será explorado e desenvolvido no último romance de Nemésio, intitulado *Mau Tempo no Canal* (1944).

3. O retorno a *physis*

A análise das obras de Nemésio nos revelou que, em sua busca pela expressão da *sua* açorianidade, a construção dessa identidade assenta-se em uma idéia de cosmogonia e de teogonia. Além disso, constatamos nessa narrativa que a Natureza constitui símbolo da presença desses mitos, o que nos conduziu a perceber por meio dessa estrutura simbólica um movimento em direção a uma totalidade que, por sua vez, levou-nos a pensar essa totalidade a partir do conceito grego de *physis*.

Não constitui nosso objetivo, entretanto, debruçarmo-nos sobre uma espécie de *filosofia da natureza*, mas pensar em que medida as narrativas de Nemésio remetem para uma reflexão acerca da relação natureza-homem, homem-natureza e qual seria o caráter dessa reflexão, já que nossa análise das narrativas nemesianas aponta para a existência de uma forte relação entre a sua açorianidade e a natureza, relação esta, por sua vez, que referendou a necessidade também de uma reflexão sobre a questão de gênero.

Quando pensamos no conceito de *physis*, somos quase que imediatamente remetidos ao conceito de *filosofia da natureza* cujo surgimento, segundo Gonçalves¹⁰,

¹⁰ GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. **Filosofia da natureza**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 7.

coincide com o início da própria filosofia, na medida em que a filosofia “tem como ponto de origem a busca de um princípio fundamental capaz de explicar a existência de todas as coisas”. Essa coincidência nos leva a compreender a filosofia da natureza muito menos a partir de uma perspectiva física e mais como “a idéia grega de *physis*, enquanto totalidade substancial do mundo material”, o que, segundo Gonçalves (2006, p. 7), abre para uma “dimensão freqüentemente interpretada como metafísica, ou seja, que transcende a possibilidade de experimentação”. Assim, ao iluminarmos a concepção de açorianidade de Nemésio a partir da cosmogonia e teogonia é inevitável a imediata associação da nossa interpretação da narrativa nemesiana com o conceito grego de *physis*, enquanto uma “totalidade material” e metafísica.

Como nossa análise buscou demonstrar, a presença da natureza em *A Varanda de Pilatos* revela-se de forma ambígua, reunindo num só “momento” a própria ambivalência que a natureza carregou desde o início das especulações filosóficas em torno de si: ora tomada apenas enquanto uma totalidade material, ora tomada como reveladora do sagrado. Essa ambigüidade também se revela em um sagrado que, por exemplo, remete-se tanto à Vesta quanto à Virgem Maria. Disso resultaria, por sua vez, também uma concepção de formação dos gêneros baseada nessa dialética entre os elementos da natureza e a simbologia mítica que guardam. Ora, se isso for verossímil, então, seria possível uma concepção de gênero que se remontaria ao próprio início da filosofia, na medida em que, como afirmou Gonçalves, o surgimento da *filosofia da natureza* coincide com o início da própria filosofia, uma vez que a filosofia “tem como ponto de origem a busca de um princípio fundamental capaz de explicar a existência de todas as coisas”.¹¹ Em outras palavras, se “compreender a filosofia antiga a partir da relação entre *logos* e *physis* é de fato compreender que o início da especulação filosófica sobre o mundo é em grande parte acompanhado pela tradição mítica grega de unidade entre espírito e natureza”, (Gonçalves, 2006, p. 12-13) então, a própria reflexão sobre os gêneros, nessa perspectiva, não apenas deve considerar esse estado primordial de *unidade* entre espírito e natureza, ou seja, entre os gêneros e a natureza, como deve ser revista a partir também desse momento da passagem da *physis* ao *logos*.

Vale ressaltar que a idéia de *totalidade*, depreendida de nossa leitura da narrativa nemesiana e que deu corpo a todo esse percurso reflexivo, parece revelar-se como resposta ao sentimento insular de “cárcere e de exclusão”, mas que, novamente, não constitui um sentimento exclusivo do homem insular, nem do homem açoriano, mas do humano. Nesse

¹¹ Id., idib., p. 7.

sentido, a açorianidade de Nemésio aponta para a busca de uma *totalidade* que não é exclusiva do desejo açoriano, mas do humano. É, pois, sempre assentado numa reflexão dialética entre o particular e o universal que Nemésio parece ter persistido em cumprir seu percurso humano: a sua obra revela não apenas o percurso indagador do homem Nemésio, açoriano, mas do homem diante de sua finitude.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Onésimo Teotônio. “Sobre o peso da geografia no imaginário açoriano” in *Mar Horizonte: literaturas insulares lusófonas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BETTENCOURT, Urbano. “Literatura açoriana — Da solidão atlântica à perdição no mundo” in TUTIKIAN, J. ASSIS BRASIL, L. A. (Org.). *Mar Horizonte: literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume I. 14ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCEZ, Maria Helena Nery. “De António Nobre a Vitorino Nemésio: Linhagens” in *Voz Lusíada*, nº17, Primeiro Semestre de 2002, São Paulo.

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. *Filosofia da natureza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

NEMÉSIO, Vitorino. *Obras Completas de Vitorino Nemésio. Volume V — A Varanda de Pilatos*. 2 ed., INCM: Lisboa, 1992.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. 5ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1996.

SILVA, Heraldo Gregório da. *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio – Realidade, Poesia e Mito*. Co-edição INCM e Secretaria Regional de Educação e Cultura – Região Autónoma dos Açores, s/d.

TUTIKIAN, J. ASSIS BRASIL, L. A. (Org.). *Mar Horizonte: literaturas insulares lusófonas* *Mar Horizonte: literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.